

É preciso recolocar a utopia

Multidão de desapontados busca um novo sonho

Jurema Werneck

Folha de S. Paulo, 25.12.19

Tenho lido a conta-gotas o livro “No Enxame - Perspectivas do Digital”, do filósofo [Byung-Chul Han](#), um crítico mordaz da sociedade de consumo. A obra afirma que vivemos tempos de “indivíduos empoderados”.

São pessoas que confiam profundamente em suas crenças e que, solitárias, se expressam com autoridade pelas redes sociais. Falam todas juntas sem se ouvir, num vozerio que lembra um enxame. Um monte de gente. Mas são um monte de “uns”. Antes, diz o autor, as pessoas eram capazes de defender sonhos coletivos. Eram multidões que falavam em uníssono, embora com divergências. Existia a capacidade de encontrar um terreno comum, um projeto, que mudava o jogo da política. Eram indivíduos com histórias próprias, mas capazes de fazer recuar seus desejos individuais em favor de um projeto coletivo.



Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia Internacional no Brasil, no evento "Mulheres Notáveis do Brasil", em São Paulo - Mathilde Missionheiro - 14.nov.19/Folhapress

Hoje, os muitos “uns” [vão para as ruas](#), mas parecem sozinhos. Haiti, França, Espanha, Colômbia, Hong Kong, Bolívia, Irã e outros —em todos esses lugares, as pessoas protestam para mostrar que estão desapontadas e zangadas com um sistema político que, elas acreditam, não foi capaz de melhorar suas vidas. Infelizmente, na maior parte dos casos, a resposta das

autoridades responsáveis tem sido violência policial e perseguições, violando o direito de livre manifestação.

O que as notícias que nos chegam desses lugares contam? Elas sugerem que ir para as ruas denunciar e protestar não tem sido suficiente para mudar as coisas que queremos que sejam mudadas. Faltaria a esse exame descobrir e enunciar o mundo que se quer construir. Falta o sonho coletivo. Uma nova utopia.

O sonho da minha geração era construir uma sociedade de direitos. Por muito tempo, acreditamos que o Brasil avançava nessa direção. Acreditamos na Declaração Universal do Direitos Humanos —que, em 2019, completou 71 anos. Era uma aposta que parecia ganha quando, em 1988, foi promulgada a Constituição Cidadã. Apostamos que o Brasil poderia escolher um novo rumo institucional. Confiamos que essa escolha teria reflexos na vida cotidiana. E chegamos até aqui.